

Marília Garcia

PARQUE DAS RUÍNAS

posfácio Joana Matos Frias

LunaPARQUE.

© 2018 Marília Garcia

*A autora agradece ao Prêmio Icatu de Artes
que lhe concedeu uma residência
na Cité Internationale des Arts,
entre dezembro de 2014 e julho de 2015,
por onde estes dois textos passaram.*

Revisão

Fernanda Morse

Garcia, Marília

Parque das ruínas/ Marília Garcia.
São Paulo: Luna Parque, 2018.

ISBN 978-85-69476-23-8

1. Poesia brasileira

CDD 869.91

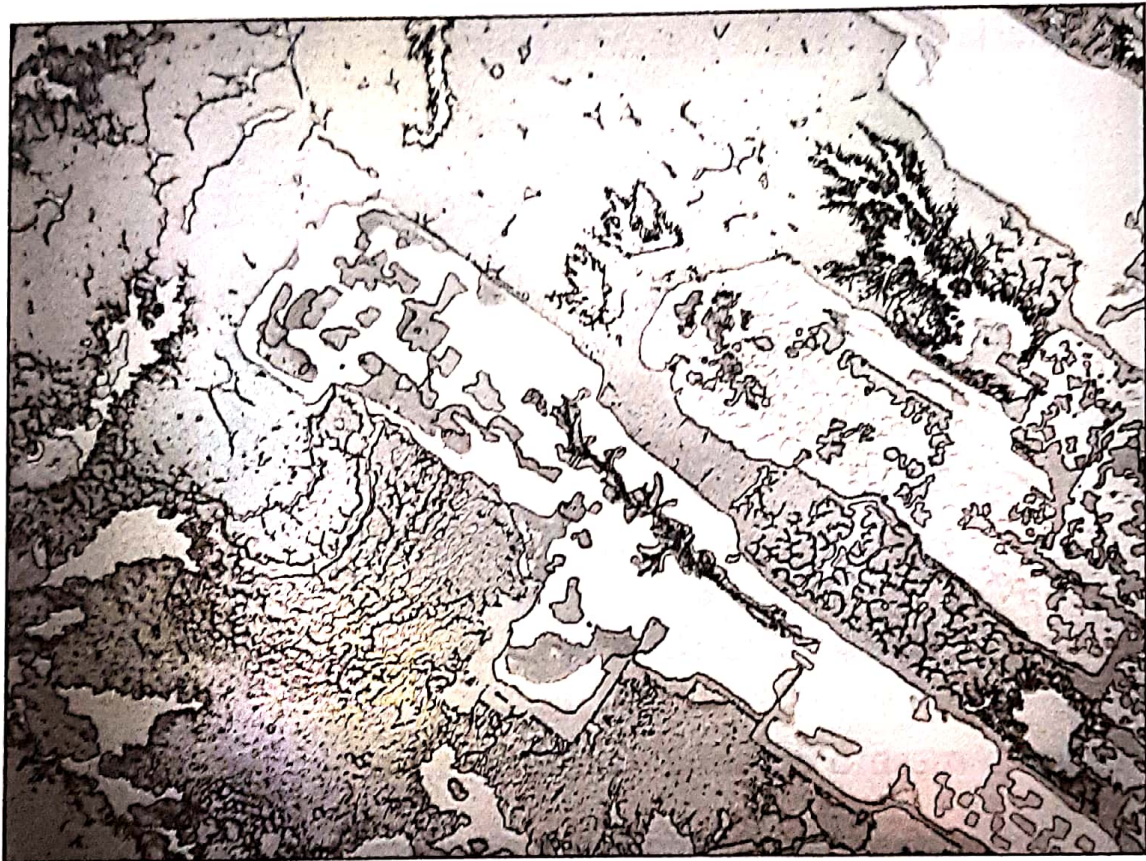
LUNA PARQUE EDIÇÕES • www.lunaparque.com.br
lunaparqueedicoes@gmail.com

SUMÁRIO

parque das ruínas	7
o poema no tubo de ensaio	57
p.s.	81
<i>Posfácio</i> , por Joana Matos Frias	87

PARQUE DAS RUÍNAS

primeiro uma epígrafe em forma de imagem

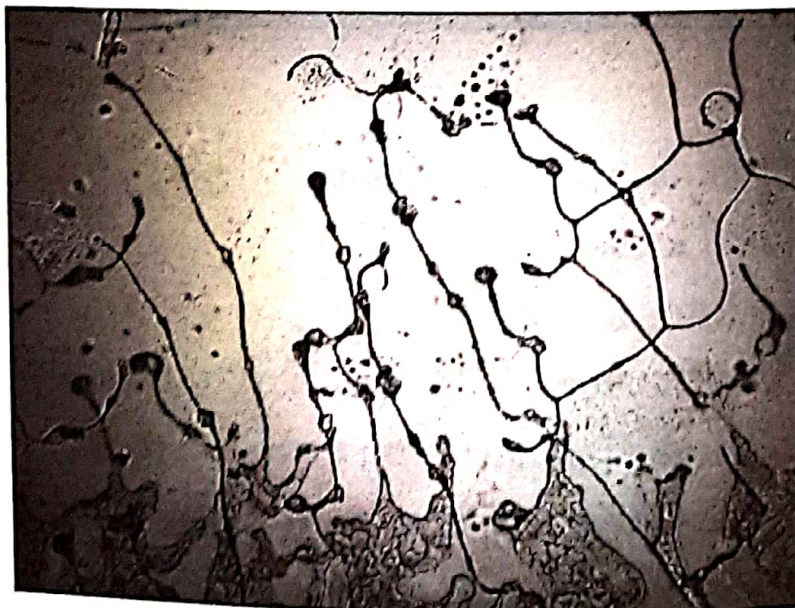


a artista americana rose-lynn fisher
fez uma série de fotos
que são como fotos aéreas:
terrenos plantações uma cartografia vista de cima
essas imagens poderiam ser uma espécie de
“atlas temporário” pois consistem em registrar
um pequeno instante na vida de uma lágrima

em "topografia das lágrimas"
a artista pegou uma lágrima colocou sobre uma lâmina
e deixou secar depois pôs a lâmina
em um microscópio para ver
fez isso com mais de 100 lágrimas
aumentando 100 ou 400x
e experimentou com lágrimas próprias e alheias
ela queria descobrir se as lágrimas de tristeza



teriam o mesmo desenho das lágrimas de alegria



das lágrimas de despedida das lágrimas de cebola



ou das lágrimas de um bebê ao nascer

são “atlas temporários”
que registram um instante da vida das lágrimas
rose-lynn fisher viu que as lágrimas
têm uma linguagem própria
para cada sentimento
o trabalho está no seu site
<http://rose-lynnfisher.com/tears.html>

hyperreal

essas imagens
que parecem feitas de longe
mostram algo que está muito muito
perto

tão perto

perto demais



1.

gostaria de começar
contando o que aconteceu
no dia em que recebi uma encomenda para escrever este texto
eu estava no rio de janeiro
e tinha ido ver uma exposição do jean-baptiste debret
num museu chamado “chácara do céu”
em determinado momento da exposição
eu queria tomar um café mas lá não tinha café
para tomar um café
era preciso sair da “chácara do céu”
e ir ao museu ao lado chamado “parque das ruínas”
então fui e sentei no parque das ruínas para tomar um café
e fiquei pensando nesses dois nomes

chácara do céu e ***parque das ruínas***

e fiquei pensando em como fazer para passar do céu
para as ruínas e depois voltar ao céu
os dois museus ficam um ao lado do outro
— têm entre eles apenas uma passarela de ligação —
por que um tinha sido batizado
como *céu* e o outro como *ruína*?

eu estava neste lugar
olhando a vista do parque das ruínas
quando chegou um e-mail de um professor da UERJ
a universidade do estado do rio de janeiro

ele me chamava para um encontro
onde apresentei este texto que você está lendo

naquela época julho de 2016

a UERJ estava no meio da maior crise da sua história
sem repasses do governo não tinha como funcionar
e momentaneamente a universidade estava

com as atividades suspensas

já passaram 26 meses daquele dia

e não só a universidade continua em crise

como o rio de janeiro anda mergulhado em ruína

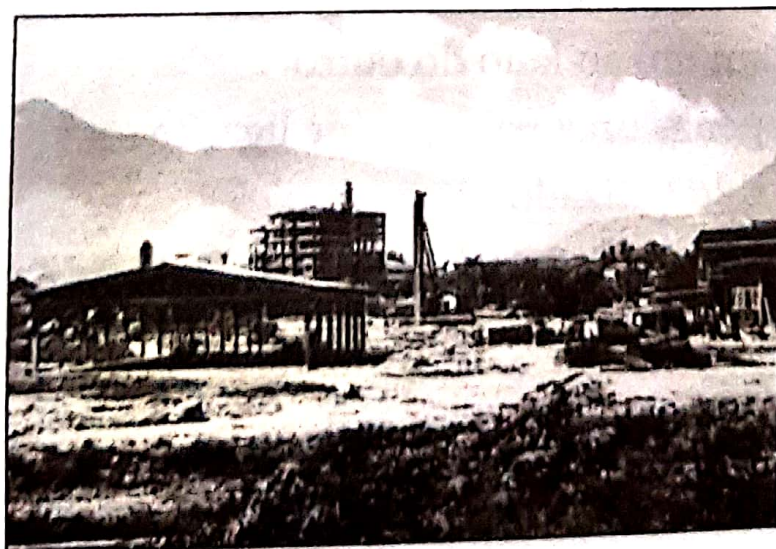
eu estudei na UERJ

e durante muitos anos da minha vida fiquei andando

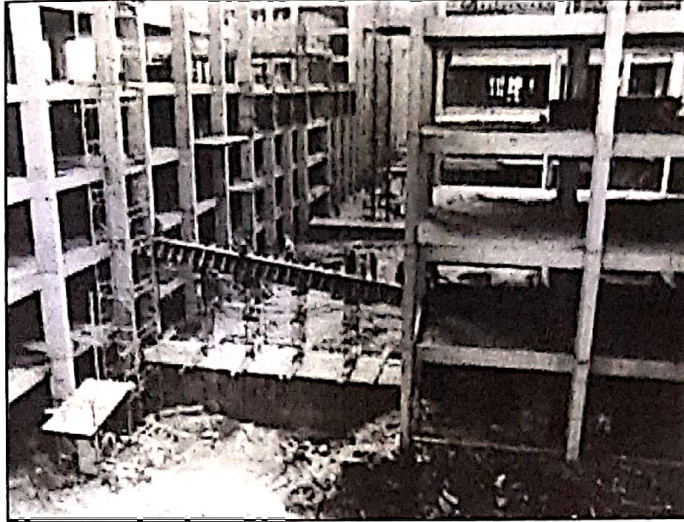
por aquelas rampas

vendo o mundo de dentro daqueles quadrados

*é difícil olhar as coisas diretamente
ainda mais quando estão destruídas*



naquele momento no parque das ruínas
percebi que temos falado muito
essa palavra ultimamente: *ruína*



não só na UERJ ou no rio
mas em todo canto

não sabemos o que fazer
quando tudo parece a ponto de desabar

[*definir: *ruína*]



desde aquele dia não consegui mais tirar da cabeça
algumas imagens:

a chácara e a ruína
— e as formas de ver o mesmo lugar —
e os meios de passar de um para o outro —

também não consegui mais tirar da cabeça as imagens da
exposição do debret
e da sua viagem pitoresca ao brasil colonial

Ministério da Cultura
Instituto Brasileiro de Museus

De Museu Castro Mays e o Consulado Geral da França têm a satisfação de convidar para o conjunto de inauguração da exposição e para a apresentação de uma vídeo performance dos artistas Vincent Moon e Priscilla Tolmont.

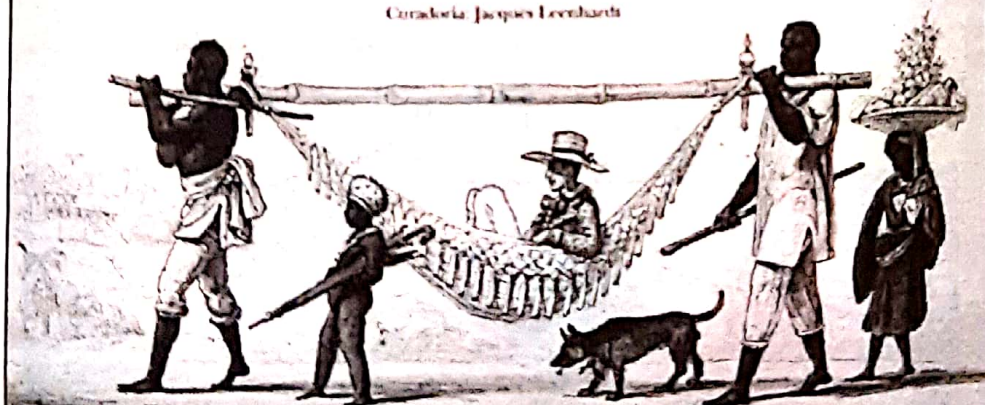
20 de julho de 2016 às 16h
Visitação até 26 de setembro,
diariamente, exceto às terças-feiras,
(das 12 às 17h)

Museu Chácara da Cadeia
Rua Murilo de Azevedo 93, Santa Teresinha
(21) 39701003
www.museucastromays.com.br
Estacionamento no local

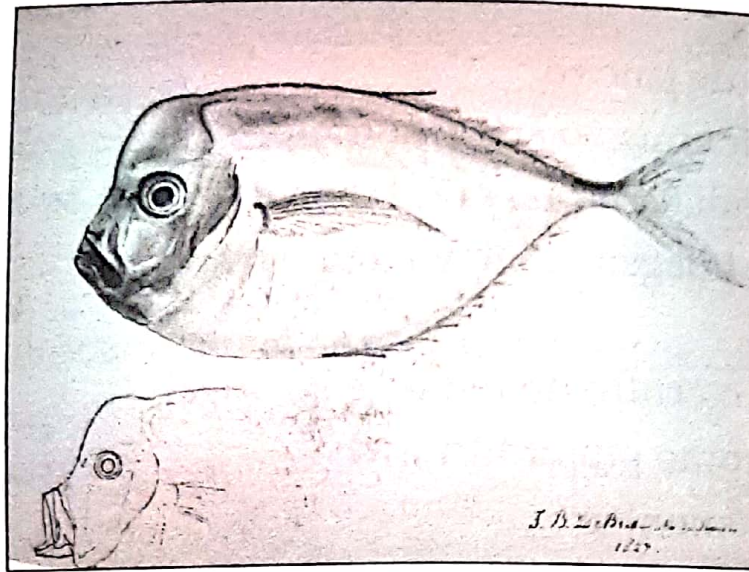
DEBRET E A MISSÃO ARTÍSTICA FRANCESA

NO BRASIL, 200 ANOS

Curadoria: Jacques Leventhardt



ou este peixe galo



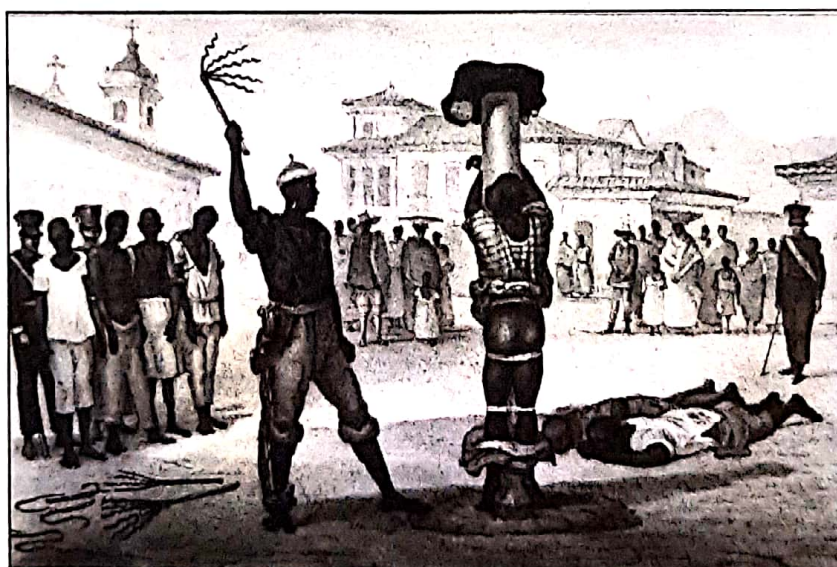
desenho de cunho científico ao qual se atribuiu
uma velada intenção de caricatura



pois viam nele certa semelhança com o perfil
de dom joão VI

debret começa com essas pinturas
mas logo se impressiona com o que vê nas ruas:
um grande número de escravos
convivendo com europeus recém-chegados
uma mistura de pessoas e temporalidades diferentes
e parece que é justo aí
que ele decide retratar o cotidiano e
fazer instantâneos

é assim que debret começa um trabalho de cronista
ele saía do ateliê no catumbi e ia para a rua pintar:
sentava numa almofada no chão e pintava o que via



fez em torno de 700 aquarelas
que depois serviram de base para compor as gravuras
da sua “viagem pitoresca e histórica ao brasil”



3.

queria contar sobre outra experiência
de olhar e ver

em 2015 fiz uma residência na França
ao chegar lá comecei a tomar notas:
para entender o que estava vendo para inventar uma rotina

*(se a gente começa a escrever anotar
e nomear o que acontece
será que consegue fazer as coisas
existirem de outro modo?)*

a pergunta que eu fazia era a seguinte:

como lidar com o próprio lugar?

eu queria entender alguma coisa que não sabia exatamente
o que era mas achava que deveria estar ali — talvez nas sirenes
que ouvia o dia inteiro talvez na luminosidade
que entrava pela claraboia

como eu não sabia o que eu queria entender

decidi começar um diário que tinha apenas uma regra:

todos os dias deveria tirar uma fotografia

do mesmo lugar / na mesma hora

e partir dela para fazer o diário

a única regra era essa o resto era livre

e girava em torno da pergunta:

como ver o lugar?

eu estava hospedada em um ateliê na cité internationale des arts
e justo em frente tinha uma ponte

decidi que aquele seria o lugar
e foi assim que comecei
no dia 1º de janeiro de 2015
a fotografar a ponte e escrever
o “diário sentimental da pont marie”



4.

[diário sentimental da pont marie]

01 jan 15 • 10H

*“no dia 11 de outubro de 1614 o jovem louis XIII e sua
mãe marie de médicis colocaram a primeira pedra dessa ponte
construída por christophe marie construtor de pontes na
frança ela ligou o bairro saint-paul à ilha notre dame
na época deserta”*

*chego à pont marie 401 anos depois
atravesso a pont marie com 115 passos*

*todos os dias às 10h fazer uma foto
do mesmo ângulo da ponte*

*uma foto diária que possa dizer algo sobre estar aqui:
qual a geometria da cidade a cor das placas
quem passa naquele exato momento*

*eu não sei o que preciso saber
eu não sei o que preciso*

*escrevo a partir das fotos – mas o que fazer com as fotos?
imagine uma foto do sexto dia:*

[isso aqui é uma expedição]

[...]

5.

queria fazer este diário para tentar entender alguma coisa
e eu fiquei me perguntando
é possível ver este lugar?
não queria ver algo além
talvez com a foto
um fotograma

mas o próprio lugar
pudesse recortar um instante



sempre na vida tinha tentado pular etapas
apagar o meio o entre o processo
como fazer para atravessar e passar pelas coisas?

todos os dias lembrava de uma expressão em francês
avoir lieu ter lugar:

*o lugar faz parte da experiência
e do acontecimento*

[mesmo que não aconteça nada]

georges perec define uma categoria
que ele chama de *infraordinário*:

“o que se passa todos os dias e que volta todos os dias
o banal o cotidiano o óbvio o comum o ordinário
o *infraordinário*

o barulho de fundo o hábito

— como perceber todas essas coisas?

como abordar e descrever aquilo que de fato
preenche a nossa vida?”

perec fala da capacidade de olhar para o cotidiano
e para os gestos mais simples como por exemplo
acordar abrir os olhos lentamente

e ver

nosso dia-a-dia é feito de ações que não nomeamos:

pegar um livro virar a página digitar essas letras

balançar a cabeça

— seria possível nomear isso que acontece?

o extraordinário comove fica evidente:

guerra desastres morte

mas como ver o *infraordinário*?

6.

tive vontade de fazer o "diário sentimental da pont marie"
depois de ter visto alguns filmes
que enumero aqui

primeiro *smoke (cortina de fumaça)*
o personagem principal auggie é dono de uma tabacaria
e todos os dias às 8h da manhã durante muitos anos
ele tira uma foto da esquina da tabacaria
tem mais de 4.000 fotos

numa manhã
auggie mostra as fotos para paul um velho amigo
a princípio o amigo acha que são todas iguais
afinal partem do mesmo ângulo
e enquadram o mesmo ponto
mas aos poucos
nessa repetição dos dias
paul vê

[]

numa das fotos
tirada anos antes ele vê
a esposa que já tinha falecido
num momento da vida em que os dois não estavam juntos

ela aparece congelada num instante

enquanto eu fazia as fotos da pont marie

percebi que me interessava em *smoke*

a insistência a repetição

— seria possível ver a passagem do tempo

nesta repetição?

como passar de março por exemplo

(sem verdes só com galhos secos)

para junho?

no filme auggie não parece buscar

algo específico com este procedimento

mas em determinado momento alguma coisa

aparece nas fotos

uma aparição

um espectro:

o fantasma da mulher de paul surge

ela já estava nas fotos antes

mas só pode ser vista por uma certa lente

a lente de quem está vendo

7.

[diário sentimental da pont marie]

05 fev 15 • 9H58

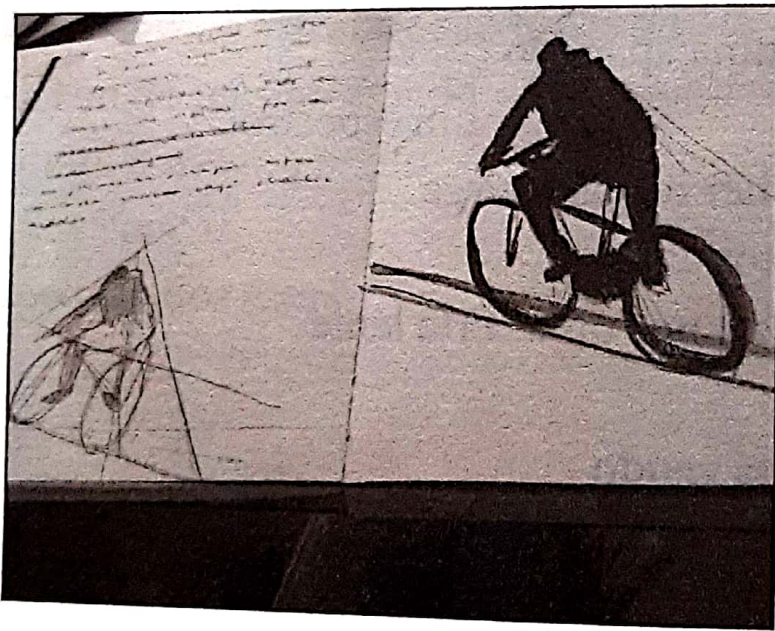
um dos dias mais frios
de um lado da foto

no mês mais curto do ano

o ciclista de gorro preto parado no tempo

do outro um grupo de 4 pessoas conversando

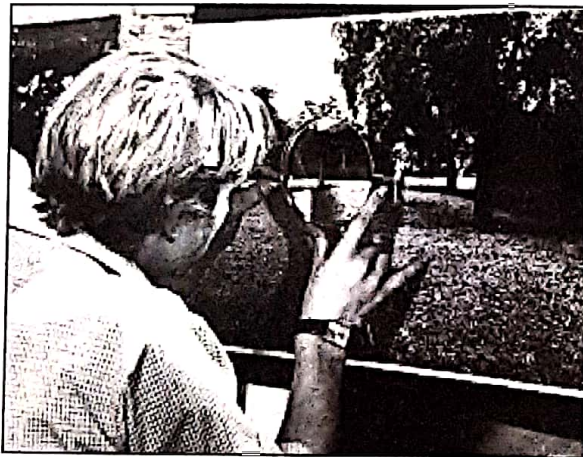
faço o mesmo trajeto todos os dias
e a rotina produz uma única imagem
do que acontece



[...]

8.

ao escrever o diário
também pensava no filme *blow up*
em uma manhã excepcionalmente iluminada
um fotógrafo tira fotos em um parque inglês
ele vê um casal namorando e a cena parece bucólica:
um parque verde um casal um dia de tempo bom
ao revelar e ampliar as fotos ele acaba
descobrendo um crime
ele vê as fotos e enxerga alguma coisa ali



ele amplia as fotos ele amplia tanto que perde
o todo — perde a paisagem e chega a um espectro
um borrão

um fora de foco

ele estaria alterando a realidade com o seu procedimento?

para tentar ver alguma coisa

ele precisa olhar de muito perto

aqui lembro que o ricardo piglia

analisa algumas fotos de borges quando está quase cego

borges tem um livro diante do rosto
e se coloca muito perto do livro tentando ler:
o olho fixo sobre a página a página contra o olho
ele tenta enxergar no fiapo de luz que ainda resta
este que é um dos maiores leitores do século
diz piglia

e no entanto para ler precisa chegar muito perto

às vezes a leitura é um jogo de escala:
é preciso se aproximar a ponto de perder o todo
mas outras vezes é preciso se afastar muito do texto

então lembro das performances
do valère novarina
em que ele segura o livro com as mãos e o afasta para ler
ele segura o livro o mais distante que pode
os braços à frente erguidos
a ponto de perder de vista o texto
— resta só um fio que o liga ao livro
um fio de braço

volto ao trabalho de rose-lynn fisher
topografia das lágrimas
ali para ver a lágrima
é preciso se aproximar e chegar tão perto
para poder ver de longe
como se fosse um mapa
um atlas temporário sentimental

9.

além dos filmes que citei
outra referência para o “diário sentimental da pont marie”
é o documentário do harun farocki
imagens do mundo e inscrições da guerra
nele farocki trata justamente de uma situação em que
alguma coisa aparece com a distância

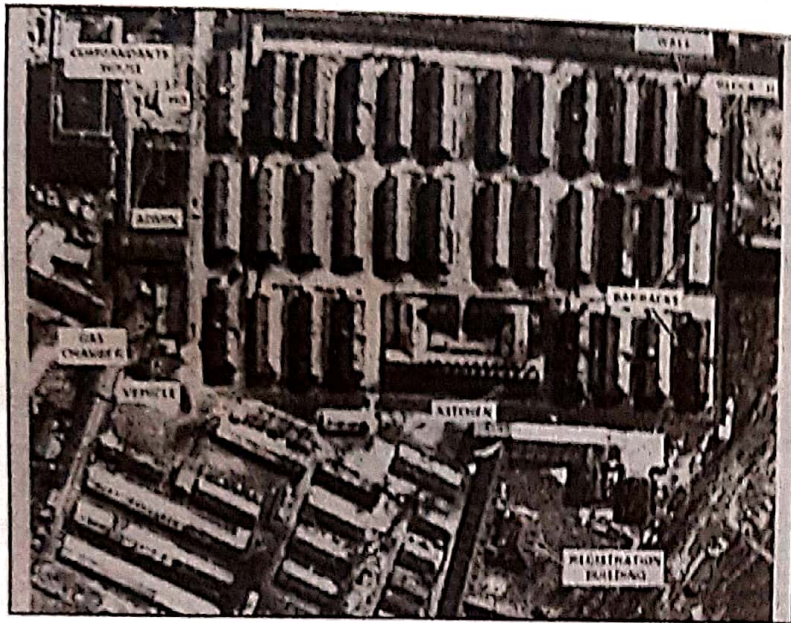
o filme conta que em 1944
pilotos americanos fazem fotografias aéreas de algumas
fábricas de borracha na alemanha



33 anos depois já nos anos 1970 a cia percebe
que eles fotografaram também
um dos campos de concentração de auschwitz
na época eles não viram o que já estava nas fotos
porque não sabiam da existência dos campos e por isso
não havia nada para ver

depois quando começam a ver
as fotografias com outros olhos
algo aparece:
uma verdade que ainda não existia

aparição fantasma

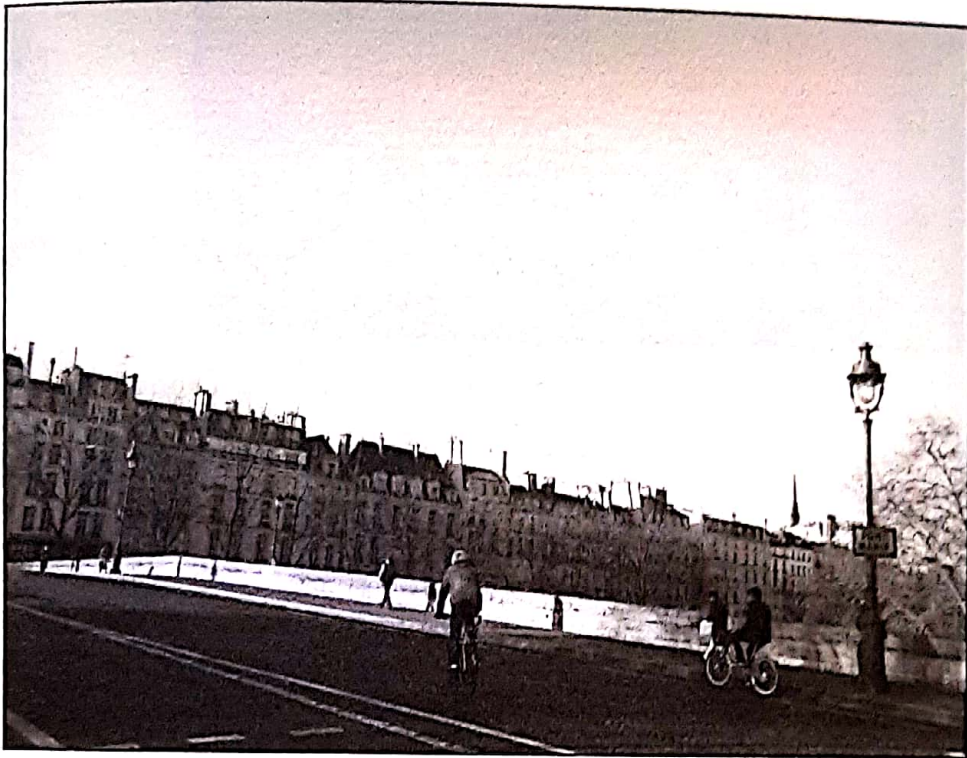


neste caso
precisam de uma distância temporal
para ler

10.

[diário sentimental da pont marie]

08 fev 15 • 10H

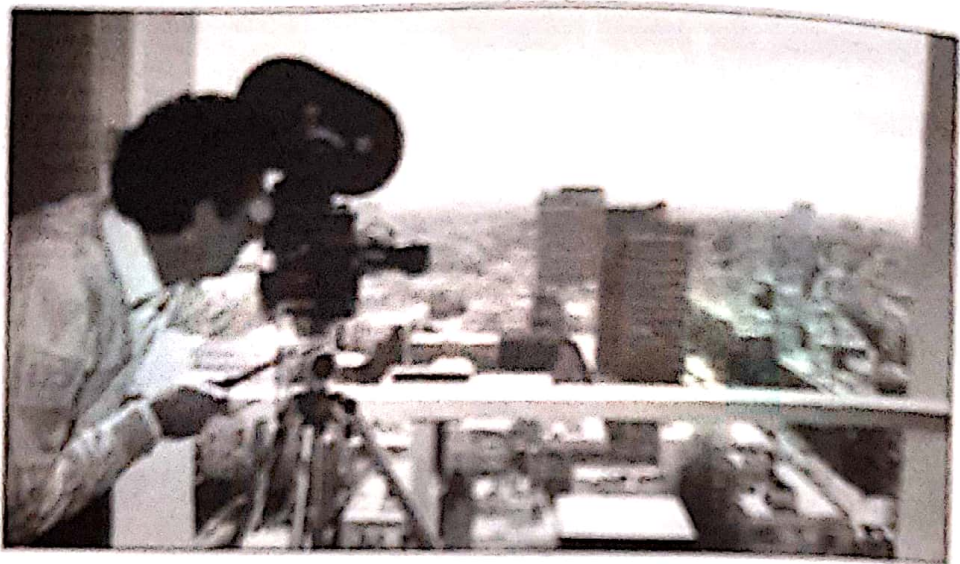


copio um trecho do diário 1973-1983 do david perlov:

*“maio de 1973 compro uma câmera
começo a filmar sozinho o cinema profissional não me
interessa mais eu filmo dia após dia em busca de alguma
coisa. (...)*

leva tempo aprender como fazer”

[...]



11.

ao escrever o *diário sentimental da pont marie*
também pensava no *diário 1973-1983* de david perlov
um filme-ensaio-biografia
em que ele grava o tempo passando
e a própria vida

ele faz um registro do meio

seria possível furar o presente
com o olho da câmera?

leva tempo aprender como fazer
diz ele

e registra o dia a dia:

as filhas crescendo os amigos o cotidiano
o *diário 1973-1983* abarca o que acontece
e não parece haver nada de “extraordinário” para ser visto
apenas o que está ali
mas como fazer para ver o que está ali?

[*leva tempo aprender como fazer*]

12.

debret pintou o dia a dia
mas para ele esse dia a dia é pitoresco
e extraordinário

smoke e blow-up
retratam o infraordinário
e de repente algo aparece:

algo que já estava ali
mas ao ser lido com outros olhos
pode virar fantasma algo que já estava ali
mas precisa de um olhar de fora para ser tornar
acontecimento extraordinário

o *diário* 1973-1983 do perlov também trata do infraordinário
e parece quase tocar na vida

em certo ponto do filme que dura
quase 6 horas perlov vem ao brasil
ele fica um tempo em são paulo
onde morou durante a infância
e depois vai ao rio cidade onde nasceu
e filma copacabana
em seguida faz uma única cena no bairro de santa teresa
com o bonde passando

nesta única cena
vejo ao fundo

gravada na época em que eu nasci

a casa da minha infância
a janela de onde via o mundo

o meu extraordinário

*[no filme a imagem está tremida
e fora de foco na memória
a imagem está tremida e fora de
foco por pouco não consigo
capturar o ponto peço ao
leitor que imagine essa janela com o
ruído de bonde ao fundo]*



pausa]

13.

aqui faço um intervalo
para um pequeno comentário
sobre esse trabalho:

[eu costumo falar este texto
mostrando imagens
são ao todo 240 imagens]

[uma vez me perguntaram
se esta apresentação
não estava muito ilustrativa]

[— você fala em *ruína*
e insere uma imagem de *ruína*]

[você fala em *ponte*
e traz várias imagens da mesma *ponte*]

[qual a relação das imagens
com o texto?]

e eu não soube responder
mas aproveito esse intervalo
logo depois da janela da minha infância
para contar uma história
que minha mãe contava quando eu era criança

o tio dela era médico
e quando o brasil entrou na segunda guerra
ele se voluntariou para ir à guerra como médico
pois assim o irmão dele meu avô
que era o filho mais velho
não precisaria ir para a guerra como combatente
a regra era que apenas um homem da família tinha que ir
e se o tio da minha mãe fosse como médico
ele teria mais chances de voltar vivo
do que o pai dela que
se fosse precisaria ir como soldado



minha mãe contava essa história muitas vezes
com certa ênfase dramática
e durante anos achei que se não fosse por esse tio-avô
e seu gesto amoroso eu não existiria:
meu avô teria ido para a guerra e
teria morrido antes de conhecer minha avó

essa história entra aqui
porque pouco antes de ir para a residência na França
um parente da minha mãe encontrou umas cartas
que o tio da minha mãe tinha trocado
com a esposa antes deles casarem

as cartas abrangem o período de 1939 a 1945
incluindo as cartas enviadas da Itália escritas no front
eu pedi para a minha mãe uma cópia das cartas
para levar para a residência
achando que poderia trabalhar em cima
daquele material "sobre a guerra"

Espero com ansiedade as tuas foto-
grafias. Servici-te uma lupa, mas é difícil
a oportunidade de tira-las, muitos por que
não pronto manda-las com maior frequen-
cia.

Retribua as lembranças aos oss. teus
paes e parentes, e tu pebas o mais saudoso
do abraço, do

— João

Somewhere in Italy, 4/1/45

eu não tinha lido as cartas
e não sabia o que encontraria
mas na véspera da viagem chegou o envelope
e embarquei com aquelas "imagens"
na mala

14.

um dia começo a ler as cartas do jair para a terlita
a primeira de fevereiro de 1939 fala sobre a despedida
dos dois: jair vai morar no rio para estudar
e ela fica no mato grosso do sul
a correspondência deve ser mantida sob sigilo diz ele
vou lendo as cartas

e são cartas de amor
que falam de saudades de ausência do dia-a-dia
sobre algum mal entendido porque uma carta não chegou
ou sobre a dificuldade de ficar longe

*Recebes cartas minhas. Todo dia,
e elas não dizem tudo o que eu queria
mas falam. te de amor, de coisas belas!*

*Tuas cartas!... heas dou. te o meu perdão,
- que me importa afinal ter a razão,
se gosto tanto de esperar por elas!*

chego ao período em que ele vai para a itália
e não são cartas sobre a guerra
as cartas não falam da guerra
são cartas sobre o casal
são cartas de amor

15.

um dia na residência francesa vou a um antiquário
procurar cartões postais antigos
entro na loja
e está cheia de gente olhando cartões

todo mundo fica me olhando

pergunto se há cartões “da época da guerra”
o funcionário me responde com uma pergunta:
“qual guerra?”
“há muitas” diz ele “a grande guerra?”

pergunto se tem algo da segunda guerra
ele me olha meio torto
e diz que não que na época
as pessoas não se mandavam cartões postais
será que há cartões de 1945 1946?
ele pergunta de qual região?

[normandia]

então ele me entrega um bolo de cartões
e em muitos as imagens estampadas na frente
são cenas de cidades destruídas:
por exemplo rouen totalmente bombardeada
com uma senhora passando
na frente das ruínas

ruínas ruínas e ruínas



os textos são cotidianos breves banais
são cartas de amor como as cartas do meu tio-avô

lembro de uma sessão do livro *infraordinário*
de georges perec
chamada “243 cartões postais em cores verdadeiras”
que transcreve alguns cartões postais:

“Passeando pelo Canal da Mancha Aqui é ótimo para
descansar um pouco As praias são lindas Fiquei todo
queimado por causa do sol Um beijo”

“Estou visitando as ilhas Baleares O tempo está bom e
além do mais come-se bem Estou tomando sol Devo
voltar na segunda-feira”

“Umás linhas de Étretat O tempo está ótimo e minha
asma melhorou Com o pensamento em vocês quatro”

16.

[diário sentimental da pont marie]

07 fev 15 • 10H

*“um mês depois continuo um zumbi” ela diz
estamos no dia 7 de fev as poças no chão congelaram
hoje a luz é outra ontem nevou volto para casa
apressada e leio o aviso na porta de entrada:*



*há um mês esse aviso apareceu no meio do caminho e o país
entrou em alerta de segurança máximo por causa dos atentados
ao jornal charlie hebdo*



todos os dias agora ouço a palavra terrorismo

*então volto até a foto do dia do atentado: 7 jan 15.
seria possível ver algum indício do que aconteceu?
e na foto do dia seguinte? vejo apenas um caminhão com a
caçamba amarela 4 pessoas andando*



*tento ver alguma coisa diferente: nada
será que à noite seria possível perceber alguma mudança?*

[...]

olho agora para esta página em que estamos
e para essas letras impressas sobre o papel:
será que aqui temos como ver
alguma coisa além deste instante?

no dia em que falei este texto
tirei uma foto do auditório onde estava antes da fala —
seria possível mais cedo ver quem estaria ali no momento
de ler o texto? será que aquilo que acontece agora
no rio de janeiro e no brasil
era algo que já estava evidente nas imagens de antes?
e nas de hoje?

agora volto na memória
tentando achar os instantes de terrorismo
nas fotos da ponte mas não vejo nada

17.

quando nos referimos espacialmente ao passado
dizemos que ele está situado atrás
e podemos apontar para trás indicando o que passou
o futuro ao contrário fica para frente:
o porvir é algo que nos leva adiante

existe uma língua de uma tribo andina [os aimarás]
na qual essa lógica se inverte:
o passado fica diante de nós à nossa frente:
afinal podemos ver o que já aconteceu

e o futuro ainda desconhecido
fica atrás às nossas costas
pois não o vemos



DESPEDIDA

quando chego à ponte sinto um vento nas costas
e lembro do fantasma que ronda a pont marie
ela era uma francesa casada com um resistente
e que durante a ocupação
teve um caso com um oficial nazista

em uma noite de inverno
ela ficou esperando o amante na ponte
durante muitas e muitas horas
e ele não veio
contam que ela morreu congelada ou caiu no rio
desde então

o seu fantasma fica rondando a pont marie

*olho para a esquina em busca do espectro dela
e não vejo vocês veem alguma coisa?*

olho ao redor e procuro:
a ponte tem três arcos
a água do rio é verde
atravesso a ponte com 115 passos
quando um barco passa
uma onda se forma
ouço o barulho da onda e do barco passando

agora me sento no parapeito da ponte
e olho para o outro lado do rio:

tem país na paisagem?

me pergunto
e vejo ao longe o fantasma dela indo embora
você também estão vendo?

ela caminha



no meio dos carros



em plena luz



construção

do dia



e some